

FEV 1988

JORNAL DE BRASÍLIA

Vulneráveis conservadores

Lauro Salvador*

E moda no Brasil de hoje, a prosa sobre as escaramuças na Assembléia Nacional Constituinte e sobre a redescoberta da Ilha de Cuba, a mágica Pérola do Caribe.

Aliás, há algo de comum entre esses dois assuntos, em especial no que se refere aos procedimentos da direita e da esquerda ideológicas.

Na Constituinte, na sua fase da Comissão de Sistematização, a minoria que dela tomou conta, acabou elaborando um projeto de Constituição, considerado desafio pela maioria direitista, que reagindo se mobilizou radicalmente, no grupo chamado Centrão.

Se é para valer esse confronto, os avanços sociais preconizados no projeto da Sistematização, estarão perdidos sob o compressor da direita, caso atue essa corrente, no impulso corporativo.

Nesse clima, o ex-Ministro, deputado Delfim Netto, homem de centro e experimentado nesse tipo de disputa, em entrevista à **Folha de S. Paulo**, 17/01/88, fez advertência aos contendores, com ênfase endereçada aos

representantes da direita empresarial conservadora na Constituinte, alertando-os de que há necessidade de proteger o capitalismo dos capitalistas, pois, se o projeto esquerdista da Carta Magna tem cheiro muito forte de estatismo, a proposta do Centrão não é coisa melhor, porque impede o funcionamento da economia apoiada na livre iniciativa. E foi mais longe: "Eles, os empresários, são inimigos do capitalismo, querem o monopólio, a reserva de mercado e o subsídio. Não desejam a economia de mercado". Disse também, que se eles montarem a regulamentação econômica, não sai economia de mercado, nem livre iniciativa, mas o conluio, o monopólio e a reserva, referência à questão da informática.

Tais assertivas aceitas em termos, por não se adequarem à generalidade, não deixam de sinalizar que a vitória na Constituinte, com a marca do Centrão, pode ser um desejo oculto das esquerdas atuantes, que visualizam nela o fermento de inconformismo social, ingrediente indispensável para etapas futuras da socialização da economia.

A história demonstra que é o descomedido e crescente

privilégio confinado em minorias, que leva um sistema a desbalançar, como aconteceu em Cuba, em 1961, quando sua gente optou pela saída socialista para seus problemas por demais intoleráveis, com a conjuntura capitalista fundiária, monopolista e cartelizada que lhe era imposta.

Foi assim que suas lideranças revolucionárias, tendo a colaboração de uma população esgotada, saíram militarmente vitoriosas, fazendo de seu País, a primeira República Socialista das Américas, consolidada com a administração de meia dúzia de leis básicas: a lei da reforma urbana, a da reforma agrária, a da nacionalização das empresas norte-americanas, a da nacionalização das empresas cubanas, a da recuperação dos bens malversados, a lei sobre atividades contra-revolucionárias e a sobre as pessoas ausentes da Ilha.

Cada uma dessas leis, trazia uma característica ou seu respectivo condão, para somar adeptos ao novo sistema e ampliar o poder armado do novo regime.

A lei da reforma urbana, por exemplo, foi arquitetada sobre condições reais, num ambiente onde a maior parte da população

pagava aluguel e "sonhava" possuir casa própria. Com efeito, editado esse estatuto legal, desapropriando todos os imóveis residenciais alugados, pelos preços declarados para fins de tributação, seus locatários passaram a amortizá-los num prazo de 25 anos, em prestações iguais aos aluguéis que vinham pagando. Em cima disso, cada novo proprietário habilitado, recebeu uma metralhadora IMA para defender sua propriedade...

Por esse caminho, aquele povo fora armado, chegando até os dias atuais, agora convidando o mundo para conhecer e fazer turismo sadio na sua terra, de onde viajantes perspicazes retornam surpresos, pelo progresso marcante da prevalência do social sobre o econômico liberal.

Todavia, o que foi pago por isso, principalmente pela velha elite arruinada, não pode ser calculado, daí ser postura de sabedoria, os legisladores e dirigentes de todos os níveis, desta terra de Cabral, anteciparem-se inovando, democratizando as instituições e as oportunidades.

Lauro Salvador é Economista e ex-Vice-Presidente da Fiesc

Handwritten signature and initials.